

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS**

Dandara Palmeira Machado

A CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE *AS MENINAS (2009)*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES E SUAS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES

Santa Maria, RS
2022

Dandara Palmeira Machado

**A CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE *AS MENINAS* (2009), DE
LYGIA FAGUNDES TELLES E SUAS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES**

Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em
Letras, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção
do título de bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Trentin Oliveira

Santa Maria, RS
2022

Dandara Palmeira Machado

**A CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE *AS MENINAS (2009)*, DE
LYGIA FAGUNDES TELLES E SUAS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES**

Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em
Letras, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção
do título de bacharel em Letras.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2022.

_____ Prof.^a Dr.^a Raquel Trentin Oliveira, UFSM _____
(Orientadora)

_____ Prof.^a Dr.^a Renata Farias De Felipe, UFSM _____

Santa Maria, RS
2022

RESUMO

A CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE *AS MENINAS* (2009), DE LYGIA FAGUNDES TELLES E SUAS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES

Autora: Dandara Palmeira Machado
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Trentin Oliveira

O romance *As Meninas* (2009), da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, é objeto de estudo neste trabalho. O objetivo geral desta monografia de conclusão do curso é investigar a maneira como as três personagens principais dessa narrativa, Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição, são construídas: como são apresentadas pelo(s) narrador(es); que relações de semelhança e de contraste estabelecem entre si; como se desenvolvem no tempo e se comportam ao longo do progresso da história; que sentidos a construção dessas personagens pode assumir; levando em conta a forma como estão representadas, que tipo de crítica a obra projeta em relação à sociedade. Para isso, são aproveitados principalmente os conceitos de dispositivos de figuração (REIS, 2018) e de dialoização interna do discurso (BAKHTIN, 2002). Tal abordagem visará contribuir, no campo narrativo, para os estudos da personagem, para a compreensão do modo discursivo privilegiado por Lygia F. Telles nessa obra, e para uma análise na qual os elementos externos ganham relevância ao serem aproveitados (e considerados criticamente) como elementos internos do texto literário (CANDIDO, 2006).

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles. *As Meninas* (2009). Construção de Personagens.

ABSTRACT

THE CONSTRUCTION OF THE PROTAGONISTS OF THE ROMANCE AS *MENINAS* (2009), BY LYGIA FAGUNDES TELLES AND THEIR POSSIBLE MEANINGS

Author: Dandara Palmeira Machado

Advisor: Prof.^a Dr.^a Raquel Trentin Oliveira

The novel *As Meninas* (2009), by the Brazilian writer Lygia Fagundes Telles, is the object of study in this work. The general objective of this course conclusion monograph is to investigate the way in which the three main characters of this narrative, Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz and Ana Clara Conceição, are constructed: how they are presented by the narrator(s); what relationships of similarity and contrast they establish among themselves; how they develop over time and behave over the course of history; what meanings the construction of these characters can take on; taking into account the way they are represented, what kind of criticism the work projects in relation to society. For this, the concepts of figuration devices (REIS, 2018) and internal dialogization of discourse (BAKHTIN, 2002) are mainly used. Such an approach will aim to contribute, in the narrative field, to the studies of the character, to the understanding of the discursive mode privileged by Lygia F. Telles in this work, and to an analysis in which the external elements gain relevance when they are used (and critically considered) as internal elements of the literary text (CANDIDO, 2006).

Keywords: Lygia Fagundes Telles. *As Meninas* (2009). Character Construction.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ANÁLISE DOS DISPOSITIVOS DISCURSIVOS	10
3	ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DAS PERSONAGENS NA HISTÓRIA.....	19
4	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo (SP), filha do advogado Durval de Azevedo Fagundes e da pianista Maria do Rosário. Fez o curso fundamental na Escola Caetano de Campos e formou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, onde cursou também a Escola Superior de Educação Física.

Ainda na adolescência, manifestou sua vocação para a literatura, escrevendo seus primeiros textos e recebendo o incentivo de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo e Edgard Cavalheiro. Em 1954, a autora publicou seu primeiro romance, *Ciranda de Pedra*. No mesmo ano, nasceu seu filho Goffredo da Silva Telles Neto, fruto de seu primeiro casamento.

Seu segundo romance, *Verão no Aquário* (1963), foi publicado na época em que a escritora, então divorciada, casou-se com o crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes. Na década de setenta, consagrou-se na carreira com a publicação do romance *As Meninas* (1973)¹ e dos livros de contos *Antes do Baile Verde* (1970), *Seminário dos Ratos* (1977) e *Filhos Pródigos* (1978); este foi republicado com o título de *A Estrutura da Bolha de Sabão* (1991).

Nos anos oitenta, Telles publicou *A Disciplina do Amor* (1980), obra composta por fragmentos, relatos de viagens, lembranças e diários, reunidos pela autora, além do romance *As Horas Nuas* (1989). A partir da década de noventa, lançou livros de contos e textos como *A Noite Escura e Mais Eu* (1995), *Invenção e Memória* (2000), *Durante Aquele Estranho Chá* (2002) e *Conspiração de Nuvens* (2007). Em 2005, recebeu o prêmio Camões de literatura, pelo conjunto de sua obra.

Lygia Fagundes Telles foi presidente da Cinemateca Brasileira, é membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras; teve seus livros publicados em diversos países, alguns adaptados para televisão, teatro e cinema. De característica intimista, também é possível considerar sua ficção como engajada, comprometida com as condições da sociedade brasileira que aparecem projetadas nos mundos ficcionais criados por ela. Pode-se entender que sua obra, desenvolvida na metade final do século XX, integra-se à ficção brasileira contemporânea porque suas narrativas privilegiam uma linguagem que reflete e refrata os problemas sociais do seu tempo. Nos anos setenta, particularmente, os escritores precisaram encontrar uma expressão estética e uma renovação da linguagem que levasse em conta a conjuntura social e política do Brasil, em resposta ao autoritarismo do governo, porém

¹ Este é o ano da primeira publicação da obra *As Meninas*. Para elaborar esta análise, é usada a edição de 2009, publicada pela editora Companhia das Letras.

que tratasse também de aspectos identitários relativos aos vários grupos sociais encontrados nas metrópoles (SCHOLLHAMMER, 2009), o que se observa nos escritos de Telles.

Então, em muitos de seus trabalhos, a escrita da autora caracteriza-se por aliar esse retrato da realidade urbana e social brasileira com os dramas íntimos e conflitos internos de suas personagens², que estão em primeiro plano e são responsáveis por criarem gradativamente a ação nos seus textos. Em geral, a produção literária de Lygia Fagundes Telles utiliza-se da alternância de vozes narrativas, da atenção aos detalhes, os quais proporcionam ao leitor uma visão ampla, e por vezes simbólica, do que está sendo contado, da fragmentação do tempo ligada à recuperação das memórias e da presença do monólogo interior³.

Em relação ao romance *As Meninas* (2009), que será aqui objeto de estudo, há um narrador em terceira pessoa que cede sua voz, na maior parte do tempo, para as três personagens principais contarem suas próprias histórias. Assim, predomina, no texto, em larga medida, a focalização interna e o monólogo interior, por vezes com características de fluxo de consciência. Conseqüentemente, como traço estilístico, há uma proximidade da narrativa à forma como a personagem vê, sente e expressa seu mundo.

A história de *As Meninas* (2009) é composta, portanto, pelas histórias individuais das três protagonistas: Lorena Vaz Leme é estudante de Direito, culta, de família tradicional paulista; Lia de Melo Schultz é estudante de Ciências Sociais, ativa participante de um grupo político, pertencente à classe média; Ana Clara Conceição é estudante de Psicologia, com sérios problemas psicológicos e dificuldades financeiras. Elas residem no pensionato de freiras Nossa Senhora de Fátima, na cidade de São Paulo, no começo dos anos setenta. Logo, a narrativa vai constituir-se dessa mescla de pontos de vista, através da qual se pode acompanhar o relacionamento dessas moças, seus encontros e desencontros no auge do período ditatorial brasileiro, os quais vão resultar no desenvolvimento gradual da ação do romance.

O objetivo geral desta monografia de conclusão do curso é, então, investigar a maneira como as três personagens principais do romance *As Meninas* (2009) são construídas: como são apresentadas pelo(s) narrador(es); que relações estabelecem entre si na história e se elas se

² Em sua dissertação **O Indivíduo e as Convenções Coletivas em *As Meninas*** (2008), Deurilene Souza Silva cita o crítico literário Manuel da Costa Pinto ao refletir sobre o lugar de Lygia Fagundes Telles na literatura brasileira, para evidenciar que, na obra da autora, essa percepção do social (ênfaticamente nos romances urbanos) surge através do particular (entende-se, das personagens que estão em primeiro plano na narrativa), o que complementa a afirmação feita nesta análise.

³ No monólogo interior, a personagem substitui o narrador, que vai desaparecendo em favor da exposição do pensamento, do mundo mental da personagem. (GENETTE, 1995).

configuram também por comparação/contraste; como se desenvolvem no tempo, ao longo da narrativa, se elas se comportam do mesmo jeito ou não à medida que a história se desenrola; que sentidos a construção dessas personagens pode assumir; levando em conta a forma como estão representadas, que tipo de crítica a obra projeta em relação à sociedade. Nesta análise, "o externo importa [...] como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*". (CANDIDO, 2006, p. 14). Tal abordagem visará contribuir, no campo narrativo, para os estudos da personagem e para a compreensão do modo como o romance de Lygia F. Telles alia forma e conteúdo.

Para sustentar a análise das personagens, foram consultadas as obras *A personagem de Ficção*, de Antonio Candido *et al* (1968), *A Personagem*, de Beth Brait (1985), *Pessoas de Livro. Estudos sobre a Personagem*, de Carlos Reis (2018), *A Personagem na Narrativa Literária*, de Raquel Trentin e Gisele Seeger (2021). Para compreender-se a relação que o romance pode estabelecer com a sociedade, foram lidos os clássicos *Questões de Literatura e Estética*, de Mikhail Bakhtin (2002) e *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido (2006).

Na primeira parte da monografia, são investigados os recursos retórico-discursivos (REIS, 2018) usados na caracterização das protagonistas da narrativa de modo a compor uma imagem ampla: física, psicológica, moral, ideológica, profissional e social delas (TRENTIN e SEEGER, 2021); para isso, considera-se, ademais, a organização dos elementos físicos e psíquicos criada pela escritora para apresentar as personagens (CANDIDO *et al*, 1968), bem como outros recursos de construção (BRAIT, 1985) utilizados por ela nesse propósito.

Na segunda parte do trabalho, atentando para a temática central do romance, são investigados os dispositivos de conformação acional (REIS, 2018), relacionados à maneira como as personagens se desenvolvem no tempo, no decorrer da narrativa e como ganham primeiro plano e fazem avançar a história. Será examinado o relacionamento entre essas meninas, com seus diálogos e conflitos, para verificar se elas alteram sua atitude perante a vida no decurso da obra, bem como suas posturas, visões de mundo, reações perante a realidade.

Além disso, tenta-se observar, na conclusão desta monografia, quais os sentidos que a construção dessas personagens pode ganhar dentro do texto — ou seja, são averiguados também os dispositivos de ficcionalização (REIS, 2018) — bem como, tendo em consideração a forma como elas estão representadas, reflete-se sobre o tipo de crítica que o romance projeta em relação à sociedade. Para tanto, serão utilizadas como referencial teórico as obras *Questões de Literatura e Estética*, de Mikhail Bakhtin (2002) e *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido (2006).

ANÁLISE DOS DISPOSITIVOS DISCURSIVOS

Para realizar tal análise, parte-se do conceito de figuração, abordado em *Pessoas de Livro. Estudos sobre a Personagem* (2018), de Carlos Reis, o qual diz respeito, segundo esse autor, a todos os processos de construção da personagem que levam à sua individualização dentro do contexto da narrativa. Essa concepção engloba as noções dos dispositivos retórico-discursivos, de composição acional ou comportamental e de ficcionalização; esses dois últimos serão tratados na segunda parte desta análise.

Na primeira parte deste trabalho, evidencia-se, então, o conceito de recursos retórico-discursivos, que são todas as estratégias discursivas utilizadas para representar as personagens, como os movimentos temporais que realçam os aspectos físicos, culturais e comportamentais destas, e as pausas descritivas utilizadas para caracterizá-las diretamente (REIS, 2018); entram ainda nessa categoria, componentes como o narrador, a focalização, a ambientação das personagens no espaço, etc. Tais dispositivos são investigados na caracterização das protagonistas de *As Meninas* (2009).

Essas estratégias discursivas usadas para representar as personagens (REIS, 2018) ajudam a compor uma imagem ampla delas: física, psicológica, moral, ideológica, profissional e social (TRENTIN; SEEGER, 2021). O primeiro recurso de construção observado nesta análise é, então, o papel do narrador na apresentação das três protagonistas da história. O recorte abaixo exemplifica a forma como ele se expressa e se comporta ao longo da narrativa:

— Lorena, bota a cabeça na janela, quero falar com você!

Ela vacilou perigosamente, o pé direito plantado na listra, o esquerdo em suspenso no ar [...] Inclinou-se para os lados numa profunda reverência, os braços em arco para trás, as mãos se tocando como pontas de asas entreabertas [...] Acenou para a jovem que esperava de braços cruzados [...]

— Lorena, será que você podia me dar um pouco de atenção?

— Fala, Lia de Melo Schultz, fala.

— Mas que ideia, querida, usar meia com este calor. E sapatões de alpinista, por que não calçou a sandália?

— Hoje tenho que camelar o dia inteiro, putz. E sem meia dá bolha no pé.

Provavelmente nas solas. Cafonérrimo [...] Ai meu Pai. Primavera, eu apaixonada e Lião falando em bolha no pé [...]

— Lião, Lião, ando tão apaixonada. Se M.N. não telefonar, me mato.

Estou demais aperreada para ficar ouvindo sentimentos lorenenses [...]. (TELLES, 2009, p. 9, grifos nossos).

Percebe-se, nesse excerto, a presença de um narrador em terceira pessoa, heterodiegético — na segunda, terceira, quarta e quinta linhas grifadas — que enquadra e

organiza a representação dos discursos diretos das personagens principais. Efetivamente, pode-se afirmar que ele intercala o discurso delas, sem deixar de sinalizar uma visão externa da cena descrita. Tais pausas descritivas, como a indicada aqui, associadas à onisciência desse narrador, que transparece em alguns pontos da narrativa, ajudam a apresentar as protagonistas, fazendo parte dos recursos retóricos discursivos (REIS, 2018) de suas figurações.

No entanto, o que predomina no romance é a expressão das próprias meninas, neste caso, de Lorena Vaz Leme e de Lia de Melo Schultz, por meio do diálogo entre elas, ou de uma focalização interior, na qual o narrador em primeira pessoa vai desaparecendo em favor do mundo mental da personagem (GENETTE, 1995). É o que se verifica nestas linhas finais da citação anterior, nas quais se percebe que as personagens exercem a função também de narradoras, assumindo a tarefa de contarem suas próprias histórias. Nota-se então, que suas perspectivas internas — neste caso, a de Lorena, grifada — são responsáveis pela imagem que apresentam de si e das outras: "[...] por que não calçou a sandália? — Hoje tenho que camelar o dia inteiro, putz. E sem meia dá bolha no pé. **Provavelmente nas solas. Cafonérrimo [...] Ai meu Pai [...]**". (TELLES, 2009, p. 9, grifos nossos).

Isso também pode ser observado através do ponto de vista de Lia exemplificado pelo trecho seguinte, no qual essa personagem narra e reflete intimamente: "Bebo o chá morno. Uma boa menina. Ana Clara também é uma boa menina, eu também sou uma boa menina". (TELLES, 2009, p. 14). O olhar de Ana Clara sobre as amigas também fica claro mediante o seu discurso, inclusive na forma como se refere a elas em seus pensamentos: "Nhem-nhem [...] Na realidade quer dizer [...] que sou vulgar [...] A outra da esquerda faz aquele sorriso da esquerda e também arreganha o nariz". (TELLES, 2009, p. 35).

Tal comportamento das vozes narrativas se repete no decorrer do romance e as protagonistas são caracterizadas, portanto, por seus próprios pensamentos e discursos, pelas perspectivas umas das outras – por comparação/contraste – ou pelo narrador heterodiegético. Logo, estão presentes, nestes arranjos narrativos, os discursos direto e indireto – com a presença do monólogo, que muitas vezes toma a forma do fluxo de consciência –, e do discurso indireto livre, os quais fazem parte igualmente dos recursos de construção da personagem (BRAIT, 1985).

— Nome, por favor.

— Lorena Vaz Leme.

— Universitária?

— Universitária. Direito [...]. (TELLES, 2009, p. 62).

Lorena Vaz Leme é estudante de Direito, culta, de família tradicional paulista. A decoração de seu quarto no pensionato Nossa Senhora de Fátima (o qual enxerga como um refúgio do mundo), com suas roupas, acessórios e pertences ali depositados, é outro recurso retórico discursivo (REIS, 2018) usado para representar a personagem. Tal ambientação permite inferir a condição financeira privilegiada de Lorena, fruto da mesada que recebe da mãe, pois o pai morreu quando estava internado em um sanatório. Ainda, neste trecho, em função das cores do seu pijama, bem como do pingente em seu colar, é possível supor que possui um traço romântico, como será confirmado por outros aspectos também:

Num salto elástico, Lorena se atirou na cama de ferro dourado, da cor do papel da parede [...] Aprumou-se, sacudiu a cabeleira para trás e olhando em frente foi se equilibrando na listra até chegar ao toca-discos [...] Vestia um leve pijama branco com florinhas amarelas e tinha no pescoço uma corrente com um coraçãozinho de ouro [...]. (TELLES, 2009, p. 8).

Ela estudou latim e possui conhecimentos de literatura e de línguas modernas; sua relação com as palavras, sempre a refletir sobre a composição delas, possibilita uma discussão sobre a própria linguagem, que, no caso dessa personagem, é formal, refletindo toda a sua cultura. Constata-se também o seu gosto por produtos importados, sua opção por comidas, bebidas e música estrangeiras, a qual, por vezes, é interpretada como esnobismo pelas amigas.

Lorena apresenta ainda uma personalidade introspectiva e metódica, além de certa imaturidade, como se identifica através do ponto de vista de Lia, em contraste ao da amiga, na passagem abaixo:

[...] É primavera, Lião, primavera. Vera, é verdade, prima naturalmente primeira, a verdade primeira [...] Suba, venha ouvir o último disco de Jimi Hendrix, faço um chá, tenho uns biscoitos maravilhosos.
 — Ingleses? — pergunto. — Prefiro nossos biscoitos e nossa música [...]
 — Mas nossa música não me comove, querida [...]
 — Você é fresca.
 — Fresca, Lião? Você disse fresca — repete ela.
 Debruçou-se mais na janela [...] botou a língua pra fora e colou os polegares na cabeça [...] ah!, é preciso ter saco para aguentar essa menina. (TELLES, 2009, p. 9).

Lorena possui vários preconceitos no âmbito social – em relação às origens, à classe, à maneira de demonstrar a crença religiosa – os quais aparentam estar vinculados à sua condição burguesa: "[...] faz a toalete como uma doméstica apressada. Certos gestos e palavras de Ana Clara, coitadinha. Tudo está nos detalhes: as origens, a fé, a alegria. Deus. Principalmente as origens [...]" (TELLES, 2009, p. 11).

Além disso, a estudante de Direito não manifesta nenhuma posição política ou engajamento em alguma causa social específica, como se observa em suas respostas dadas a

Lia, grifadas no trecho seguinte, as quais representam uma preocupação maior com a própria existência: "— Pertence a algum grupo político? — **Não.** — Por acaso faz parte de algum desses movimentos de libertação da mulher? — **Também não. Só penso na minha condição**". (TELLES, 2009, p. 62, grifos nossos). Não obstante, Lorena é sensível aos problemas financeiros e emocionais das amigas, inclusive preocupa-se com o envolvimento de Ana Clara com as drogas, e com a situação da mãe, que tem um relacionamento conturbado com um homem mais jovem e interesseiro.

Como resultado da convivência com as outras duas meninas, Lorena encara a questão sexual com certa naturalidade, embora seja virgem e espere ter a sua primeira relação com alguém especial, que, na sua visão, seria M. N., maneira como ela chama o médico Marcus Nemesius. Relembra a descoberta da sua sexualidade ao mesmo tempo em que recorda a infância ao lado dos irmãos, Remo e Rômulo, antes de este ser morto acidentalmente por aquele – esse movimento temporal alternando presente e passado, vinculado à recuperação das memórias⁴ da personagem, é outra importante estratégia discursiva que ajuda a retratá-la, servindo também para embasar a figuração das demais protagonistas:

Masturbação? Aquilo? Treze anos, lição de piano [...] Então fiquei sorrindo para o prato: meu primeiro segredo. Rômulo atirou em mim uma bolota de miolo de pão e Remo enfiou um besouro no meu cabelo mas [...] me senti luminosa como uma estrela. (TELLES, 2009, p. 11-12).

Ainda em relação à questão amorosa, a garota nutre uma paixão por M. N., a qual pensa ser correspondida, mas que é predominantemente platônica: "[...] estou apaixonada. Ele é casado, velho, milhares de filhos. Completamente apaixonada" (TELLES, 2009, p. 62). Confirma-se, nessa relação, o seu traço romântico, e até ingênuo, pois idealiza esse homem, achando-o superior aos rapazes da sua idade, alimentando fantasias em relação ao futuro dos dois, nutrindo esperanças de que ele irá separar-se da mulher a fim de poderem ficar juntos.

Pela forma como Lorena percebe a própria aparência física, observa-se sua insegurança. Ela sente-se muito magra – é considerada assim por Ana Clara também: "Parece um inseto" (TELLES, 2009, p. 22) – sem curvas e acha sua pele excessivamente pálida. Esses fatores, a idealização de M. N, abordada no parágrafo anterior, e a sua insegurança com o corpo, podem ser percebidos no excerto abaixo, entremeado pelo monólogo interior, no qual ela novamente dialoga com Lia:

⁴ Como essas memórias são recuperadas pela perspectiva da própria personagem, não se pode afirmar se são confiáveis, pois ela pode estar lembrando a própria versão que criou para aqueles fatos.

Sento na janela e estendo as pernas para o sol.

— Fico vermelha e queria ficar marrom, olha que cor. O Fabrizio disse que meu apelido na Faculdade é Magnólia Desmaiada, já pensou?

— E o velho? Nada ainda?

— Ficou de telefonar para jantarmos. Você vem com a gente? [...] Mas se viesse com a gente acabava envenenando nosso encontro, adora fazer ironias que M.N. finge que não entende, tão sólido. Tão seguro. (TELLES, 2009, p. 11).

Já Lia de Melo Schultz é estudante de Ciências Sociais, ativa participante de um grupo político, pertencente à classe média. É filha de mãe baiana com pai alemão – os dois encontram-se na Bahia – e foi para São Paulo para cursar sua faculdade, passando a residir no pensionato Nossa Senhora de Fátima, local em que aluga um quarto modesto e conhece as duas amigas Lorena e Ana Clara. É comunista, comprometida com causas políticas – contra a ditadura brasileira vigente nos anos 70 – e sociais – a favor da emancipação da mulher, consciente da pobreza na qual a maioria da população brasileira vive nessa época. É, portanto, de natureza pragmática, objetiva, como se percebe no diálogo abaixo, em que é entrevistada por Lorena:

— Lia de Melo Schultz.

— Profissão?

— Universitária. Ciências Sociais.

— E... Pode-se saber sua atual situação naquela casa de ensino?

— Rodei este ano. Faltas. Tranquei a matrícula.

— Muito bem, muito bem. E o livro? [...] trata-se de um romance, não?

— Rasguei tudo, entende? Ora, ficção. Quem é que está se importando com isso. (TELLES, 2009, p. 13).

Como é possível perceber até aqui, as características das personagens não são resumidas de antemão pelo narrador heterodiegético, mas vão sendo indicadas ao longo da narrativa mediante diálogos e a expressão do pensamento delas. Dessa forma, no decurso do romance constata-se que Lia já leu as obras de sociólogos, filósofos, pensadores, escritores e ativistas renomados, como Karl Marx, André Malraux, Rosa Luxemburgo e Simone de Beauvoir. A exemplo da amiga rica, é culta, sabe latim e é fluente em línguas modernas, mas sua linguagem é predominantemente engajada e seus conhecimentos são aplicados em favor de sua luta, traduzindo livros de teóricos relevantes para o grupo de resistência. É, ainda, destemida – como o seu próprio apelido, Lião, permite supor – e madura, porque tem consciência da realidade que a rodeia, em um contexto de repressão, e das consequências que podem resultar de suas ações, estando disposta até a morrer por causa das convicções que defende.

Apesar de receber apoio financeiro de Lorena para suas ações políticas – já que a sua mesada não é suficiente para suprir as suas necessidades e as do grupo de resistência – as ideias de Lia, grifadas no trecho a seguir, não têm influência sobre a amiga, deixando-a exasperada em alguns momentos, pois as considera excessivas: "**Mas precisa lembrar a estatística das criancinhas morrendo de fome no Nordeste**, esse assunto de Nordeste às vezes exorbita". (TELLES, 2009, p. 11, grifos nossos). Reação semelhante é nutrida por Ana Clara, que não tem simpatia pela causa de Lião e a vê como inútil: "Trabalhando pela pátria. Ora dane-se" (TELLES, 2009, p. 35). Percebe-se, exemplarmente aqui, então, o quanto tal contraponto entre as ideias das protagonistas é importante para sustentar suas figurações.

Em relação à questão do patriotismo, a estudante de Ciências Sociais prefere todos os bens de consumo nacionais em detrimento dos estrangeiros; até acaba consumindo alguns produtos importados, como comida e bebida, às vezes, juntamente com Lorena, mas não os vê com bons olhos, aproveitando a oportunidade para sustentar o seu discurso ideológico: "Prefiro nossos biscoitos e nossa música. Chega de colonialismo cultural". (TELLES, 2009, p. 9). Tal maneira de pensar é considerada radical pelas outras meninas.

Ainda quanto ao relacionamento entre elas, Lia preocupa-se com Lorena, em função de sua paixão por M. N., porque acredita que o médico está só "enrolando" a amiga, e com Ana Clara, em função da sua dependência às drogas, pois, além de prejudicarem a saúde dela, acabam aumentando as suas dívidas e agravando a sua frágil situação financeira: "— Vai mal a Ana Turva. De manhã já está dopada. E faz dívidas feito doida [...]". (TELLES, 2009, p. 14). No aspecto dos relacionamentos amorosos, a ativista namora Miguel, um companheiro na luta contra a ditadura, que, na atualidade da história, é um preso político: "Ô, Miguel [...] queria ser presa, ficar no seu lugar, por que não fui presa em seu lugar? Queria morrer". (TELLES, 2009, p. 10).

No que diz respeito à questão da sexualidade, Lia a enxerga com ainda mais naturalidade do que Lorena, sendo uma ágil defensora da emancipação da mulher, a qual, em seu ponto de vista, é dona do próprio corpo: "No tempo em que Lião fazia milhares de pesquisas, fez uma entre as meninas da Faculdade, quantas se masturbavam? Incrível o resultado entre as virgens. Incrível. Estamos saindo da Idade Média disse ela [...]". (TELLES, 2009, p. 11-12). Quando era mais jovem, a ativista, inclusive, já havia tido uma relação com uma pessoa do mesmo sexo; essa informação é trazida por outro movimento temporal associado à recuperação da memória que ajuda a caracterizar a personagem (REIS, 2018).

Lia, no geral, não se preocupa com frequência com sua aparência física, a qual parece ter herdado da mãe baiana, aceitando o seu corpo do jeito que é: ela possui uma cabeleira

gigante e uma silhueta curvilínea. Ana Clara, que toma a si mesma como padrão de beleza, pensa que a amiga é "gorda" (TELLES, 2009, p. 52) e Lorena, apesar de se considerar muito magra, acha Lião fora do peso, fato ressaltado, a seu ver, pelas roupas que esta usa: "Que ideia usar meias que engrossam os tornozelos, a coitadinha está com patas de elefante". (TELLES, 2009, p. 9).

Por sua vez, Ana Clara Conceição é estudante de Psicologia, com sérios problemas psicológicos e dificuldades financeiras; como Lia, depende de empréstimos de dinheiro de Lorena. Não tem família – nunca soube quem era o pai e a mãe faleceu quando ela era mais jovem em função de um suicídio, após sofrer um aborto – e mora em um quarto no Pensionato Nossa Senhora de Fátima a fim de cursar a faculdade de Psicologia, a qual, como no caso de Lia, está “trancada”, e esporadicamente faz alguns trabalhos como modelo.

Possui aparentemente, de modo semelhante à Lorena, alguns preconceitos de classe e raciais: "Tenho ódio de negro". (TELLES, 2009, p. 17). No que dizem respeito a ela, tais distorções parecem estar relacionadas com a revolta com que enxerga o mundo, devido às experiências difíceis que teve na sua formação. Essas vivências a levam a buscar enriquecer por meio de um marido rico, no objetivo de superá-las conforme o seu ponto de vista, o qual pode ser interpretado como ingênuo: "Com dinheiro e casada não precisaria mais de nenhuma ajuda, ora, análise. Nenhum problema mais à vista. Livre". (TELLES, 2009, p. 19).

Logo, no seu caso, as memórias do passado, – aqui, os movimentos temporais entram novamente para ajudarem a compor uma imagem da personagem (REIS, 2018) – parecem ganhar uma importância ainda maior do que têm para as amigas – embora, para Lorena, a lembrança da morte de um dos irmãos pelas mãos do outro tenha grande impacto no presente. É possível inferir que suas deambulações mentais e lembranças estão ligadas aos traumas e aos abusos que sofreu na infância, quando vivia com a mãe, a qual se relacionava com vários homens, bem como aos problemas psicológicos e ao envolvimento com drogas e bebidas no presente: "Só penso pensamento que me faz sofrer. Por que esta droga de cabeça tem tanto ódio de mim? Só de porre me deixa em paz essa sacana" (TELLES, 2009, p. 16).

Em função de sua mente estar, então, abalada, Ana Clara precisa de análise psicológica, tendo passado por vários terapeutas, os quais são pagos por uma das freiras do pensionato, a Madre Alix – que a moça vê como uma figura materna, uma espécie de avó. Todavia, essas consultas não a ajudam, pois não consegue esquecer o trauma resultante da vida que a mãe levava, envolvendo-se sexualmente com muitos homens, e pelo fato de as duas terem vivenciado violência física, abusos sexuais e miséria, ficando, muitas vezes, sem lugar para morar.

A lembrança repetida de uma cena particular do passado sugere a natureza traumática da violência sofrida por Ana Clara, pois esta recorda os abusos sexuais que lhe foram infligidos pelo seu dentista, o "Doutor Algodãozinho". Enquanto isso, seus dentes apodreciam sem tratamento, como se verifica no trecho abaixo, em que se percebe, inclusive, sua linguagem truncada – porque a modelo deixa muitas frases sem terminar quando narra sua história, mais um indício do incômodo emocional que falar do assunto provoca em si – e a ambiguidade que o termo “buraco” pode adquirir, parecendo ter um sentido associado à exploração sexual da mãe e da filha:

Mudava o algodãozinho enquanto o buraco ia aumentando. Aumentando. Cresci naquela cadeira com os dentes apodrecendo e ele esperando apodrecer bastante e eu crescer mais pra então fazer a ponte. Uma ponte pra mãe e outra pra filha. Bastardo. Sacana. As duas pontes caindo na ordem de entrada em cena. Primeiro a da mãe que se deitou com ele em primeiro lugar e depois [...]. (TELLES, 2009, p. 17).

Quanto às amigas, Ana Clara ora pensa mal de Lia e Lorena e refere-se a elas, muitas vezes, de forma pejorativa, considerando-se superior por causa da sua beleza, ora deixa transparecer algum afeto pelas outras: "[...] até que gostava bastante daquelas duas bestas". (TELLES, 2009, p. 37). Essa variação na maneira de olhar para as amigas se verifica também nas outras duas protagonistas do romance.

Namora Max, um traficante que lhe fornece drogas, mas que parece gostar dela até certo ponto. Ana considera-o lindo e é apaixonada por ele, porém afirma que vai se casar por dinheiro – seu desejo, previamente mencionado nesta análise – com o "Escamoso", seu noivo, um homem mais velho e rico, a quem detesta, a fim de obter segurança financeira. No decorrer da narrativa, Lorena e Lia chegam a duvidar da existência desse suposto pretendente, pois acreditam que a amiga mente frequentemente e não sabem com quem realmente se encontra quando sai: "[...] impressionante como Aninha faz noivos. Antes desse já teve uns três. Noivos e dívidas [...]". (TELLES, 2009, p. 41); a existência de um noivo rico poderia ser, então, uma versão que ela criou para si mesma e para as outras.

No tocante à sexualidade, Ana Clara tenta alimentar a imagem de que é bem resolvida – discorrendo sobre os vários relacionamentos que já viveu – assim como o é com a sua aparência física: "Tenho um metro e setenta e sete. Sou modelo. Uma beleza de modelo". (TELLES, 2009, p. 17). Contudo, supostamente os traumas vividos no passado causam-lhe um bloqueio, impedindo que desfrute das relações com seu namorado Max, a quem afirma amar, mas com o qual chega a se negar a fazer sexo em alguns momentos. Nesse ponto, ela acredita que todos os homens ao seu redor a veem como objeto sexual: "Por que tem sempre alguém me cutucando, vamos fazer um amorzinho vamos fazer um amorzinho? [...] Max eu te

amo. Eu te amo mas não sinto nada nem com você nem com ninguém [...] Travada". (TELLES, 2009, p. 16).

Ainda, Ana Clara acredita estar grávida; infere-se que já fez um ou mais abortos no passado. Caso esteja mesmo esperando um filho, pretende interromper a gravidez novamente e fazer uma plástica reparadora da virgindade, no intuito de poder satisfazer o noivo, o qual deseja se casar com uma virgem. Nota-se esses pontos no excerto abaixo, que tende para o fluxo de consciência:

Caso com o escamoso destranco a matrícula e faço meu curso. Brilhante. Nas férias viajo pra comprar coisas ele já disse que adora viajar aquele [...] Operação fácil, Loreninha me empresta. Vai comigo. Generosa a Lena. Então. Sempre me tira das trancadas. E se eu estiver... Não não. Seria azar demais ih falei a palavra a gente não pode falar essa merda de palavra só no avesso que pode a Lena disse que no avesso dá sorte. [...]. (TELLES, 2009, p. 21).

Então, observa-se, mais uma vez, uma contradição nos pensamentos de Ana Clara que, embora reclame de ser vista como um objeto pelo sexo masculino, parece colocar-se nesse papel ao manter o pensamento de que precisa conseguir um esposo rico como solução para seus problemas, acreditando que a mulher precisa andar bem vestida e com uma boa aparência, dando excessivo valor para a beleza física. Pode-se entender essa oscilação como resultado do estado psicológico instável da personagem e do fato de ter visto a mãe usar o próprio corpo como forma de sobrevivência. Logo, ao mesmo tempo em que sofre com os traumas do passado, ela parece não conseguir superar a forma como aprendeu a tratar o corpo e acaba, dessa maneira, sujeitando-se também a padrões sociais machistas.

Assim, verifica-se, depois da primeira parte desta análise, os principais recursos retóricos discursivos (REIS, 2018) utilizados para chegar à caracterização das três protagonistas do romance *As Meninas* (2009), de Lygia Fagundes Telles, os quais apresentam uma imagem física, psicológica, moral, ideológica, profissional e social delas (TRENTIN e SEEGER, 2021). Inicialmente, destaca-se o papel do narrador.

Há um predomínio no romance da narração em primeira pessoa, na qual as narradoras são também personagens (autodiegéticas). Então, de maneira geral, o texto apresenta as próprias personagens pensando em si mesmas, recordando (focalização interna), falando de si, das outras e dialogando. Conseqüentemente, pelos discursos dessas protagonistas, é possível identificar as suas perspectivas, o que permite estabelecer uma comparação/contraste entre elas, como é enfatizado no seguinte trecho narrado por Lorena: "Se eu não falasse tanto em fazer amor, se Ana Clara não falasse tanto em enriquecer, se Lião não falasse noite e dia em revolução". (TELLES, 2009, p. 45).

Existe também um narrador em terceira pessoa, o qual não participa da história (heterodiegético) e tem o papel de apresentar uma visão externa e ampla das cenas descritas, intercalada ao discurso das protagonistas. Ainda, em relação à narração, os discursos direto e indireto, podem ser entendidos igualmente como recursos de construção da personagem (BRAIT, 1985); nesses trechos, estão incluídos também o monólogo interior, tendendo para o fluxo de consciência, em alguns momentos, e o discurso indireto livre.

Além disso, atua como dispositivo retórico-discursivo (REIS, 2018) a configuração espacial, principalmente relativa aos quartos do pensionato Nossa Senhora de Fátima ocupados pelas personagens, os quais contribuem para representá-las. Também são importantes, os movimentos temporais da narrativa, porque alternam presente e passado vinculados à recuperação das memórias dessas personagens, o que possibilita perceber a construção delas no tempo da história e o modo como suas vidas vinculam-se a experiências pretéritas. Nesse sentido, pode-se observar, por exemplo, que Ana Clara parece muito mais presa ao passado do que Lião, que está mais voltada para o presente e para uma projeção de futuro.

Quanto à organização dos elementos físicos e psíquicos utilizada para apresentar as protagonistas na obra *As Meninas* (2009), estes vão aparecendo gradualmente no texto, considerando os dispositivos retórico-discursivos (REIS, 2018) aqui analisados, fato que ajuda a tornar as personagens verossímeis (CANDIDO *et al*, 1968). Nesse sentido, já que não há um narrador que nos apresente um retrato definitivo das protagonistas, a imagem delas vai sendo composta de forma parcial e progressiva para e pelo leitor, levando em conta todos esses recursos de construção (BRAIT, 1985) examinados nesta etapa do presente trabalho.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DAS PERSONAGENS NA HISTÓRIA

Na segunda parte desta monografia, *Em Pessoas de Livro. Estudos sobre a Personagem* (2018), enfatiza-se também o conceito de dispositivos de conformação acional, que são todos aqueles que dizem respeito ao comportamento das personagens, os quais ressaltam as características psicológicas, ideológicas ou morais delas (REIS, 2018). Esses recursos, como atitudes, relacionamentos, diálogos, permitem averiguar o desenvolvimento das protagonistas, Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição, no decorrer do romance *As Meninas* (2009) e constatar se elas mudam ou não em termos de atitude perante a vida no decorrer da história.

O quarto de Lorena no pensionato Nossa Senhora de Fátima – em tons dourados e pasteis, contendo seu aparelho de som, seus discos e livros, possuindo inclusive um banheiro próprio – funciona para ela como uma espécie de "concha", um lugar onde se refugia do mundo – distante da mãe, a quem encontra pouco e que, na maioria das vezes apenas lhe envia sua mesada, e do namorado dela. Desse lugar, a moça sai muito pouco, esporadicamente para ir ao cinema e ao clube, comprar alguns itens, pois, no tempo da história, sua faculdade está em greve:

[...] Faculdade, cinema, um pouco de clube (clube fechado) uma ou outra lanchonete, compras nas minhas lojas especialíssimas. O oriehnid vem num envelope. Dia de comprar livros e discos, dia de Deus me visitar, Oi, Lorena. Às vezes, o medo, não da cidade (tão remota para mim como seu povo) mas um medo que nasce debaixo da minha cama. (TELLES, 2009, p. 25).

Apesar de Lorena não estar totalmente alheia da realidade em função do relacionamento com as amigas Ana Clara e Lia – principalmente por causa desta, que chega da rua contando novidades sobre a situação do país naquele contexto ditatorial e sobre os participantes do grupo de resistência do qual faz parte, pedindo-lhe dinheiro e o carro emprestado para as ações do “aparelho” – observa-se que sua principal preocupação é a sua paixão por M. N.

A garota passa a maioria dos dias tentando melhorar sua aparência, escutando músicas e lendo poemas, enquanto estuda para as provas que seriam realizadas quando suas aulas voltassem, sonhando com o médico – com quem deseja ter sua primeira relação sexual – e se perguntando se este deixaria a esposa e os filhos para assumir uma relação com ela. Percebe-se que, embora o casal já tenha tido alguns encontros no passado, no tempo atual da história, a moça somente os relembra, permanecendo à espera de um telefonema do seu amado, postura criticada por Lia neste diálogo das duas: "— E o velho? Nada ainda? [...] — Se ele não telefonar, vamos nós, Lião. Tenho oriehnid até para caviar [...] — Estou comovida. Mas fico com minha empada da esquina." (TELLES, 2009, p. 11).

Lorena acaba se envolvendo também com as dificuldades de Ana Clara, fornecendo-lhe apoio e suporte financeiro, pretendendo inclusive emprestar dinheiro para a plástica reparadora da virgindade dela, no intuito de que possa se casar com o "Escamoso" e enriquecer, como deseja. Dessa forma, a estudante de Direito ajuda a aliviar os efeitos decorrentes do uso de drogas e bebidas por parte da amiga, mas sem saber realmente muitos detalhes sobre a vida pregressa desta, anterior à sua chegada ao pensionato:

Lembro que certo dia chegou ao Pensionato Nossa Senhora de Fátima uma vaga estudante e vago modelo cheia de malas e dívidas [...] Tinha a cuca tão embrulhada que fiquei em pânico [...] Ana, a Deprimente. Deprimida e deprimente. Os amantes. As angústias. Ensinei-lhe a respirar profundamente. Depois andar [...] O que aprendi com ela: não bebo e posso escrever uma tese sobre alcoolismo e drogas. Nunca tive nenhum homem e sei com pormenores a arte e a desarte de amar. (TELLES, 2009, p. 26-27).

Em suma, pode-se verificar que, no decorrer da maior parte do romance, Lorena adota uma atitude introspectiva, saindo muito pouco do seu quarto, identificada com o mundo das ideias, da poesia e da música. O que a distrai da contemplação de si mesma e dos seus próprios dilemas é o envolvimento nas questões pessoais das amigas, com as quais dialoga frequentemente naquele espaço, demonstrando alguma empatia por elas, porém colocando-se predominantemente no papel de provedora das duas, especialmente de dinheiro e de recursos materiais.

Ainda, ao longo da narrativa, a moça sustenta a mesma história, a de que um dos seus irmãos, Remo, matou acidentalmente o outro, Rômulo, com um tiro de espingarda na infância. Contudo, não há provas de que tal incidente tenha acontecido de fato, podendo ser uma versão que a garota criou para si mesma e para os outros, passando a tomá-la como verdadeira, pois sua “mãezinha” explica a morte do filho de forma diferente para Lia no final do livro.

No entanto, o comportamento de Lorena vai se modificar perto do desfecho da narrativa, justamente em função de suas amizades. Quando Ana Clara falece em decorrência de uma *overdose*, Lorena decide remover o corpo dela dali, pois caso fosse encontrado no pensionato de freiras, seria um escândalo naquele contexto de repressão do período ditatorial.

Ela, então, passa a tomar as decisões, desempenhando um papel ativo e agindo de acordo com seu propósito de tirar a moça falecida daquele lugar. A estudante de Direito sabe que Lia, mesmo tendo decidido ajudá-la, não pode se expor demasiadamente, em função de sua iminente viagem com o namorado, Miguel, o qual vai ser libertado pelo governo militar e enviado para a Argélia:

— Por favor, Lião, não começa com ironia, pense um pouco, Ana Clara não pode morrer drogada num quarto do Pensionato Nossa Senhora de Fátima. Não pode. Sabe o que isso vai significar para as freirinhas? Para Madre Alix? [...] compreendo perfeitamente, é um risco grande para você, não estou pedindo que me ajude, é lógico. Mas eu vou fazer tudo exatamente como calculei, não adianta discutir mais [...]. (TELLES, 2009, p. 104).

Além disso, é possível inferir que há a chance de Lorena abandonar aquela conduta mais contemplativa do início da história, não obstante continue possuindo alguma esperança

de que M. N vá telefonar-lhe, já que a faculdade saiu da greve e que ela vai voltar a morar com a mãe – a qual foi abandonada por Mieux – cedendo sua "concha" para uma estudante de Medicina vinda do Pará.

Nesse aspecto, Lia a aconselha a esquecer o médico e a relacionar-se com um rapaz de sua idade, o que Lorena acha engraçado, mas não descarta: "Você vai amar o Guga [...] ficou entusiasmado com a ideia [...] — Lião, que loucura! — riu Lorena [...] — Você deu assim esperança? [...]". (TELLES, 2009, p. 98). Portanto, pode-se afirmar que essa personagem muda no decurso do romance, passando por um processo de aprendizagem e apresentando principalmente um crescimento psicológico, alcançando certa maturidade, a qual se reflete em sua maneira de agir. É possível chegar-se a tal conclusão depois de acompanhar a repercussão dos acontecimentos principais da história na mente, nas falas e na maneira de narrar dela, como se verificou nesta parte da análise.

Já Lia adota uma atitude engajada no decorrer da narrativa. Infere-se que sua matrícula no curso de Ciências Sociais está trancada devido ao seu envolvimento na luta da resistência contra a ditadura militar, mas ela passa praticamente os dias inteiros na rua, percorrendo a cidade de São Paulo, fazendo pesquisas com temáticas sociais e políticas – inclusive sobre a condição da mulher na sociedade brasileira dos anos 70, sendo uma defensora da emancipação feminina.

A garota também distribui panfletos, tentando conscientizar a população a posicionar-se criticamente e, assim, mudar aquela realidade repressora, tomando parte nas ações do “aparelho” ao qual é filiada. Através da perspectiva de Lorena, percebe-se que Lia é extremamente ativa, totalmente comprometida com suas ideias, as quais são consideradas até exageradas pela amiga:

Afasta-se a passos largos e pelo jeito de balançar a cabeça imagino que está sorrindo. Atravessa o jardim como um soldado em dia de desfile, a mochila ao lado, as meias desabando, podem desabar! toque-toque toque-toque. Abriu o portão com um gesto desabrido, heroico, gesto de quem assume não o seu caminho, prosaico demais, imagine, mas o próprio destino. Antes mesmo de chegar à esquina as meias já desabaram completamente. Ai meu Pai. E justo a mãezinha fornecendo condução para o aparelho [...]. (TELLES, 2009, p. 16).

Então, pode-se afirmar que a maneira de Lia agir demonstra, quase a todo o momento, os seus pensamentos e ideais, incluindo a forma como se relaciona com o seu namorado Miguel – este igualmente um integrante do "aparelho", preso pelo regime militar – e com as outras meninas. Ela sente empatia pelas duas, porém, sem deixar de aborrecer-se com as suas atitudes ocasionalmente e de reagir a elas, o que se percebe quando brinca de entrevistar

Lorena: "[...] Só penso na minha condição. — **Trata-se então de uma jovem alienada?**". (TELLES, 2009, p. 62, grifos nossos).

Ela acaba compartilhando dos luxos que a estudante de Direito possui em seu quarto, ainda que aproveite essas ocasiões para fazer reflexões sobre a pobreza que a maioria dos brasileiros vive, bem como sobre a instabilidade política vigente no país. No tocante à preocupação que sente pela paixão de Lorena por M.N, Lia a aconselha a investir em uma relação com um rapaz mais jovem e solteiro, pois, em seu entendimento, vê que aquele relacionamento dela com o médico não tem futuro: "— Esqueça esse cara, esqueça! Só vejo vocês trocarem bilhetinhos, cartas como se um morasse em Vênus e o outro em Marte, ridículo". (TELLES, 2009, p.97). Além disso, tenta conversar com Ana Clara sobre a questão de drogas, procurando fazer com que a amiga lhe confidencie esse problema a fim de poder ajudá-la, mas sem sucesso.

Até o final da história, Lia mantém a sua atitude engajada, inclusive quando Lorena decide retirar o corpo de Ana Clara do pensionato após o falecimento desta devido à *overdose*. Ela ajuda a amiga nesse propósito, mesmo correndo riscos em função de sua situação delicada, pois irá viajar para encontrar Miguel: "Com passos decididos Lia aproximou-se da morta [...] Não esquecemos nada?". (TELLES, 2009, p. 104).

Portanto, pode-se afirmar que essa personagem não muda no decurso do narrativa. Diferentemente do que acontece com Lorena, a estudante de Ciências Sociais aparentemente não passa por uma alteração significativa de comportamento. Após observar-se os seus pensamentos, as suas falas e a sua maneira de narrar, apreende-se que ela já possui essa maturidade no começo da história, consciente do seu papel naquela realidade, e a mantém até o final do romance, agindo em conformidade com tal característica.

Por sua vez, Ana Clara, desde o começo da narrativa, apresenta sérios problemas psicológicos – decorrentes das experiências traumáticas vivenciadas na infância, ao lado da mãe – e financeiros – resultantes de gastos pessoais com roupas e outros objetos de consumo, bem como, principalmente, de seu envolvimento com drogas. Essas dificuldades a levam a fazer análise e a desenvolver uma dependência psicológica e financeira das amigas para sobreviver, buscando seu apoio e pedindo dinheiro emprestado para elas, sobretudo para Lorena.

Em conformidade com a perspectiva dessa personagem, o tempo dela é dividido entre o seu namorado traficante Max, o qual geralmente arruma um jeito de esgueirar-se para o seu quarto; o seu noivo rico, o "Escamoso", a quem sai para encontrar; o seu trabalho de modelo, as boates, festas e bares; e os outros homens que, presumivelmente, acaba encontrando na

noite. Logo, a garota passa uma pequena parte do dia no pensionato e grande parte na rua, mas motivada por propósitos diferentes dos de Lião. Tem, de certa forma, uma atitude ativa, porém diferentemente da amiga Lia que age em favor de seus ideais e do bem coletivo, Ana Clara está em busca de alcançar os seus objetivos particulares, os quais, na sua visão, resolveriam seus problemas, porque proporcionariam segurança a ela.

Em relação a "Escamoso", não obstante Lorena afirme que vai financiar a plástica restauradora da virgindade, a fim de o casamento da amiga ser viabilizado, e Lia pense que um marido rico não vai resolver os problemas da outra, essas duas meninas realmente não têm certeza de que tal milionário existe, porque, na visão delas, Ana Clara mente muito: "— Mas não estava numa chácara de *very important person*? — Chácara, imagine [...]". (TELLES, 2009, p. 96). Essa, então, poderia ser uma versão que ela criou para si mesma – na qual passou a acreditar ou a desejar que se concretizasse – e para todo mundo, uma inferência possível a partir do trecho seguinte no final do romance, enquadrado na cena em que Lorena e Lia preparam o corpo da amiga para ser transportado para outro local, cientes de que ela não tinha nenhuma relação com que pudesse contar:

Ana Clara não tem nenhum parente, ninguém no mundo, ninguém! Pensava nisso há pouco, não tem uma pessoa sequer a quem avisar, nenhuma amiga, falava aí nuns nomes mas tudo assim meio no ar. Só às freirinhas. Nós. Nem vou avisar Max, o mais prudente é que ele nem apareça, coitadinho. E esse noivo?
— Esse noivo — repito e não tenho força de encarar Lorena [...]. (TELLES, 2009, p. 103).

Até o encerramento da história, Ana Clara mantém essa conduta instável, que pode ser encarada como um reflexo de sua condição psicológica e emocional, relacionando-se com o namorado, com o suposto noivo – mantendo o desejo de enriquecer até o fim – e, presumivelmente, com outros homens, bebendo e envolvendo-se cada vez mais com as drogas, acabando por falecer devido a uma *overdose*.

Logo, essa personagem dá, desde o início, sinais de dificuldade de lidar com a própria vida e, no desenrolar da história, vai se aprofundando nos seus problemas e definindo até a morte. Assim, após observar-se os pensamentos, as falas e a maneira de narrar dela, percebe-se que, apesar de sua instabilidade intensificar-se ao longo do romance, o seu comportamento praticamente não varia, podendo ser considerado perturbado até o final.

CONCLUSÃO

Para observar-se que sentidos a construção das personagens Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição pode assumir na narrativa e refletir-se sobre o tipo de

crítica que, a partir delas, o romance projeta em relação à sociedade, examina-se, primeiramente, os dispositivos de ficcionalização (REIS, 2018), ou seja, aqueles que indicam a condição de ser ficcional da personagem. Estes estão implicados na relação da personagem com o mundo – mundo do autor, do texto, do leitor – pois ela ganha certa "transcendência" e produz significados para o leitor.

No caso das protagonistas da obra *As Meninas* (2009), tais recursos estão relacionados, então, com os próprios dispositivos retórico-discursivos e comportamentais (REIS, 2018), porque, respectivamente, o narrador, os monólogos, a focalização, o espaço, os movimentos temporais e as pausas descritivas, bem como as condutas, os relacionamentos e os diálogos delas, somam-se para criarem um retrato verossímil desses seres ficcionais. Eles são imbuídos, dessa forma, de valores, crenças, atitudes ético-morais, movimentos ideológicos e caráter; por isso, tal construção assume significados na narrativa e, conseqüentemente, para o leitor (REIS, 2018).

Ainda, de acordo com Candido (2006), no desenvolvimento de uma análise literária, os fatores externos fazem sentido dentro do texto, o que se aplica nesta análise, pois o contexto político e social da sociedade brasileira no começo dos anos 70 é o pano de fundo para a história das três personagens principais, que interagem com esse contexto.

Assim, observa-se que nessa realidade verbal inerente à narrativa de Lygia Fagundes Telles, as protagonistas parecem espelhar três tipos de posturas próprias da década de 70, três formas de comportamento frente ao panorama brasileiro ditatorial daquela época. Elas representam ideias e atitudes presumivelmente associadas àquele período, como se nota nesta reflexão de Lorena: "Ana Clara fazendo amor. Lião fazendo comício [...] Faço filosofia". (TELLES, 2009, p. 74).

Lorena é a contemplativa, preocupada principalmente com questões íntimas e existenciais na maior parte do romance, alguém que busca evadir-se da realidade, construindo um mundo de faz-de-conta (LUFT, 1979). Lia é a engajada, a mulher de ação, objetiva, comprometida com uma causa que pode ser vista como coletiva, através da qual se pode inferir uma crítica ao estilo de vida da sociedade em geral (LEITE; BOTELHO, 2015). Ana Clara é a "menina perdida", com sérios problemas psicológicos, que é vista, muitas vezes, apenas como objeto sexual pelos homens, representando também a camada mais pobre da sociedade, indefesa e explorada, a qual tenta lutar com suas "armas", esforçando-se, sobretudo, para ascender socialmente. Então, verifica-se que, mesmo que essas personagens retratem mentalidades e posicionamentos diferentes de maneira geral, elas têm em comum o

fato de buscarem caminhos frente à crise de valores experimentada naquele panorama social e político brasileiro repressor dos anos 70 (OLIANI, 2013).

Da obra *Questões de Literatura e Estética* (2002), de M. Bakhtin, valoriza-se o conceito de dialogismo, que diz respeito à capacidade que o discurso de alguém tem de provocar uma resposta no discurso de seus interlocutores ou de congregar em si divergentes vozes e pontos de vista. No caso do texto literário, considera-se, portanto, o contraponto entre o discurso do narrador de uma obra e o discurso das personagens⁵ (BAKHTIN, 2006), ou entre as próprias personagens, e a sua interação com o leitor que, mesmo não participando diretamente dessa dinâmica, reage a ela. Pode-se afirmar que esses discursos possuem uma dialogização interior (BAKHTIN, 2002): o estilo, os diálogos, em suma, a linguagem utilizada pelo narrador e por cada personagem permite que o leitor perceba diferentes pontos de vista, visões ideológicas e questões sociais implicadas no discurso narrativo.

Consequentemente, o discurso em terceira pessoa do narrador heterodiegético, reduzido, e os discursos em primeira pessoa das narradoras autodiegéticas – as próprias protagonistas – com a presença dos monólogos e, por vezes, do fluxo de consciência, do romance *As Meninas* (2009), ao mesmo tempo em que promovem uma imagem ampla delas, permitem ao leitor perceber com quais ideias cada uma é identificada. Essas afirmações podem ser comprovadas na primeira e na segunda partes desta análise, ao observar-se os recursos usados na figuração das três protagonistas.

Lorena, a rica estudante de Direito que passa grande parte dos dias em uma atitude contemplativa no seu quarto, pensando majoritariamente em melhorar a própria aparência e na sua paixão pelo médico casado M. N, tem uma linguagem culta, cita frases em latim, cultua poesia e músicas estrangeiras, refletindo também sobre a própria natureza das palavras. Então, pode-se encará-la como uma intelectual idealista, mais abstraída do que atuante, na maior parte do romance, interpretação respaldada pela perspectiva de Lia: "[...] Pensa que nossas reuniões são daquele estilo dos festivais de contestação [...] Os intelectuais com seus filminhos do Vietcongue". (TELLES, 2009, p. 14-15) e de Ana Clara: "[...] Intelectual burguesa. Podre de chique". (TELLES, 2009, p. 19).

Lia, uma ativista filiada a um grupo de resistência contra a ditadura, estudante de Ciências Sociais, possui uma linguagem completamente engajada, aludindo frequentemente a questões políticas e sociais e a teóricos que fundamentam seu ponto de vista, bem como traduzindo obras do campo ideológico marxista. Ela refere-se à necessidade de tomar partido

⁵ Conceito de Discurso de Outrem, para Bakhtin, encontrado na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), aplicado ao texto literário.

contra a ditadura e de conscientizar-se da pobreza da população brasileira naquele contexto, fazendo até mesmo pesquisas de campo com os grupos à margem da sociedade, tais como vendedores ambulantes, retirantes e prostitutas. Logo, pode-se considerá-la como uma mulher de ação, como fica evidente por meio do pensamento de Lorena:

[...] E Lião sabe. Lião sabe tudo, até quantas prostitutas sentem prazer e quantas não sentem, pesquisou isso também. Um mês inteiro transou pela zona com sua sacola e sua pasta, fazia perguntas tão originais. Quando começou a trabalhar na recuperação dos adolescentes maconhados, entrou para o tal grupo. (TELLES, 2009, p. 74).

Ana Clara, uma estudante de Psicologia com sérios problemas emocionais e financeiros, age de maneira inconstante e busca enriquecer para alcançar segurança, podendo-se inferir que seu comportamento é um reflexo do seu estado mental instável. Ela bebe, faz dívidas, usa drogas e relaciona-se, provavelmente, com vários homens, tendo uma linguagem truncada, na qual reflete o seu ódio pelo mundo. É possível entender essa personagem, na maior parte da narrativa como oriunda de uma situação miserável:

Minha infância é inteira feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção mais o cheiro de enterro morno daquela floricultura onde trabalhei [...] O vômito das bebedeiras daqueles homens e o suor e as privadas mais o cheiro do Doutor Algodãozinho. Somados, pomba. Aprendi milhões com esses cheiros mais a raiva tanta raiva tudo era difícil só ela fácil [...] Comigo vai ser diferente. (TELLES, 2009, p. 18).

Ela acredita que vai conseguir parar de usar drogas quando se casar com o noivo rico, confiando na beleza e na provável plástica restauradora da virgindade para realizar tal enlace. Pretende retomar a faculdade, viajar e, finalmente, deixar de sentir-se inferior em função de suas origens e de sua infância pobre, trocando inclusive de sobrenome, mas nada disso se concretiza. Da sua morte, pode-se depreender que Ana é subjugada pelo peso da própria realidade, em uma possível analogia com a maior parte da população brasileira naquele contexto, que não tinha possibilidade de ascender socialmente, lutando apenas pela própria subsistência, sem ter tempo ou interesse para reflexões sobre a situação política e social do país.

Ademais, pode-se afirmar que a obra de Lygia Fagundes Telles dialoga com o contexto histórico brasileiro ditatorial dos anos 70, como já foi mencionado nesta análise, no sentido de que é possível perceber o lugar da universidade, dos intelectuais e das diferentes classes, bem como o papel da igreja frente a tal conjuntura, mediante o modo como a história das três protagonistas associam-se, em diferentes momentos, com a história dessas instituições.

Como Lorena, a única menina que está com o curso em andamento, afirma que sua faculdade de Direito está em greve e não explica o motivo disso no começo da história, infere-se que essa paralisação pode estar relacionada com aquele panorama de instabilidade política geral, pois percebe-se que muitos dos jovens que estão contestando a ditadura, tal qual Lia, são estudantes de instituições de ensino superior brasileiras. Logo, chega-se a conclusão de que muitos universitários tomaram posição contra a repressão, a censura e a violência promovidas pelo governo ditatorial brasileiro na década de 70⁶.

Em relação aos intelectuais, a maior parte deles parece saber das torturas a que são submetidos aqueles que se opõem ao regime vigente, mas não toma uma atitude prática, nem se engaja ativamente na resistência contra a ditadura militar, como se observa mediante os pensamentos de Lia: "São bem-humorados, os intelectuais [...] estão vigilantes. Sobretudo informados [...] estão comovidos demais pra falar, só ficam sacudindo a cabeça e bebendo". (TELLES, 2009, p. 15).

O povo, por sua vez, também de acordo com a perspectiva da estudante de Ciências Sociais, prefere ignorar o que está acontecendo no país por medo ou por estar preocupado primeiramente em sobreviver à pobreza predominante naquele contexto, o qual favorecia as classes mais altas: "Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer nem saber. E se souber ainda fica com raiva, o povo tem medo, ah! como o povo tem medo. A burguesia aí toda esplendorosa. Nunca os ricos foram tão ricos [...]". (TELLES, 2009, p. 10).

No tocante ao papel da igreja no romance, particularmente a Católica, embora as freiras pareçam aceitar aquele sistema, mostram, por vezes, não estarem totalmente de acordo com ele, tanto que, no romance, Lia, uma participante de um grupo político de resistência à ditadura militar, e Ana Clara, usuária de drogas, estão, de certa forma, protegidas de uma abordagem policial sob o teto do Pensionato Nossa Senhora de Fátima. Contudo, as religiosas já parecem ser encaradas com desconfiança pelas autoridades⁷, segundo Lorena: "Sim, Pensionato Nossa Senhora de Fátima, nome acima de qualquer investigação. Mas quando

⁶ Conforme Gabriel Vicente França, em sua dissertação **Juventude e universidade em "As Meninas", de Lygia Fagundes Telles** (2019), muitos estudantes provenientes da classe média brasileira, que lutavam por mudanças na política estudantil dentro das universidades, passaram a contestar a ditadura militar a partir do final dos anos 60. Essas informações do contexto externo brasileiro ajudam a complementar a leitura e a interpretação da obra.

⁷ Em seu artigo **Estilhaços da ditadura e de identidades em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles** (2020), os autores Janile Simony Rodrigues Badeira de Aragão e José Edilson de Amorim citam a socióloga Maria José Rosado Nunes, ao discorrerem sobre o papel do pensionato Nossa Senhora de Fátima no romance em um diálogo com o contexto da ditadura militar brasileira, evidenciando que, em um primeiro momento, a Igreja Católica apoiava o governo ditatorial, mas depois uma parte dela passou para o lado da resistência a esse sistema.

aparece agora nome de padre e freira no horizonte, já ficam todos de orelha em pé". (TELLES, 2009, p. 10).

Como as religiosas aparentam possuir certa influência junto ao governo – não se pode precisar até que ponto, porque demonstram sentir medo de represálias em certos momentos – tentam intervir quando têm conhecimentos de casos de violência praticados contra opositores do regime. Assim, elas deixam transparecer que estão bem informadas sobre aquela conjuntura, como se nota através do diálogo seguinte entre Lia e Madre Alix, antes e depois de a ativista ter lido um relato sobre um botânico que foi torturado pelos militares: "Mas não estou na redoma, Lia [...] — Conheço isso, filha. Esse moço chama-se Bernardo. Tenho estado muito com a mãe dele, fomos juntas falar com o Cardeal". (TELLES, 2009, p. 57-58).

Por fim, como esta monografia trata da construção das protagonistas do romance *As Meninas* (2009), de Lygia Fagundes Telles e suas possíveis significações, destaca-se que tal figuração das personagens aqui analisada, associada às peculiaridades temáticas e críticas da obra verificadas, sinalizam a importância da leitura dessa narrativa para, inclusive, entender-se um contexto social tão grave como foi o da ditadura brasileira; ou seja, a linguagem do romance, mediante recursos estéticos singulares, amplia e valoriza a interpretação que o leitor faz dessa realidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, José Edilson de; ARAGÃO, Janile Simone Rodrigues Bandeira de. Estilhaços da ditadura e de identidades em *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 68717-68731, sep. 2020. ISSN 2525-8761. DOI:10.34117/bjdv6n9-351. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16651/13607>. Acesso em: 14 jan. 2022.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do Romance**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. *E-book*.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. *E-book*.

BOTELHO, Amara Cristina de Barros e Silva; LEITE, Caio Victor Lima Cavalcanti. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 19, n. 2, p. 225-238, jul./dez.2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/41234/21098>. Acesso em: 30 dez. 2021.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985. *E-book*.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. *E-book*.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968. *E-book*.

FRANÇA, Gabriel Vicente. **Juventude e universidade em "As Meninas", de Lygia Fagundes Telles**. 2019. 161 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11122019-171029/publico/GABRIEL_VICENTE_FRANCA.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995. *E-book*.

LUFT, Lya Fett. **"Três espelhos do absurdo": a condição humana em As meninas de Lygia Fagundes Telles**. 1979. 106 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170744/000148523.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 dez. 2021.

OLIANI, Nara Gonçalves. **As representações da mulher em As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. 2013. 137 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94192/oliani_ng_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 31 dez. 2021.

OLIVEIRA, Raquel Trentin; Seeger, Gisele. **A Personagem na Narrativa Literária**. Santa Maria: Editora UFSM, 2021.

REIS, Carlos. **Pessoas de Livro**. Estudos sobre a Personagem. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/55060>. Acesso em: 31 dez. 2021.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Deurilene Souza. **O Indivíduo e as Convenções Coletivas em *As Meninas***. 2008. 102 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2071/1/Dissertacao_IndividuoConvencoesColetivas.pdf. Acesso em: 14 jan. 2022.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. *E-book*.